

Os volumes, bem impressos e enriquecidos com ótimas ilustrações, constituem valiosa mina de informações para os africanistas em geral, bem como, em particular, para o antropólogo brasileiro interessado em problemas de filiação cultural afro-brasileira.

E. SCHADEN

SERGE (Victor). — *Carnets*, Julliard, ed.; París, 1952, 220 pg.

Nestes *Carnets*, Victor Serge, um dos homens inteligentes e sinceros da nossa época, anotou as observações que fazia e as meditações que lhe sugeriam os acontecimentos históricos e as personalidades literárias e políticas do nosso tempo. O livro, que é atraente, tem início em 1936 e termina em 1946, abrangendo um decénio muito rico em destruições e também, talvez, em novas perspectivas... As reflexões de Victor Serge são feitas com simplicidade, mas sempre sugestivas. O livro interessará, cremos, todos aqueles que procuram compreender a significação da história dos nossos dias.

J. CRUZ COSTA

L'HOMME ET L'HISTOIRE — ACTES DU VI.^e CONGRÈS DES SOCIÉTÉS DE PHILOSOPHIE DE LANGUE FRANÇAISE. (Société Strasbourgeoise de Philosophie). Presses Universitaires de France, 408 pp. París, 1952.

Este livro enfeixa nas suas compactas 408 páginas, a maioria das teses apresentadas ao VI Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa que se reuniu em Estrasburgo, de 10 a 14 de setembro do ano corrente. A obra divide-se em quatro secções que correspondem àquelas em que se dividiu o Congresso. A primeira secção abrange as teses de metodologia; a segunda, as que foram apresentadas sob a rubrica: psicologia e história; a terceira é dedicada ao "sentido da história" e a última à filosofia e a sua história.

Já de si é curiosa a escolha do assunto que serviu de tema central à reunião de Estrasburgo. Ela é reveladora das preocupações que dominam os filósofos contemporâneos. O interesse pelo "sentido da história" é um sintoma da inquietação dos nossos dias, inquietação complexa a analisar e que se nos apresenta também como indicadora de uma certa tendência à profecia...

Abre o volume, o trabalho do único historiador que participou do Congresso — Henri Marrou, especialista assim conhecido de todos os que se dedicam à história, à filosofia e à pedagogia. O trabalho de Marrou intitula-se: *Filosofia Crítica da História e "Sentido" da História*. Marrou percebe na filosofia crítica da história, duas perspectivas que é interessante confrontar e que se lhe afiguram contraditórias. De um lado, a filosofia crítica da história, tal como a desenvolveu Dilthey, seguindo Rickert, Simmel e Max Weber e que também, de certo modo, é a linha desenvolvida por Husserl, Heidegger e Jaspers. A esse movimento, cumpre uma outra orientação, inspirada na tradição da filosofia inglesa, que também sofre a influência de Benedetto Croce e que se expressa nos trabalhos de Collingwood.

O esforço de todos estes pensadores conduz à afirmação: 1.) — da existência da filosofia crítica da história; 2.º) — na importância que nela tem a criação do historiador.

A história não é, pois, um simples registro de "fatos". A história é o trabalho de um espírito criador que à obra de história imprime um cunho pessoal. O historiador medita sobre o objeto do conhecimento histórico, sobre a experiê-

cia vivida pela humanidade e tira dessa reflexão um valor e um sentido. Essa noção de sentido da história que é corrente nos nossos dias, apresenta-se porém, nota Marrou, como tema de propaganda, como princípio de ação.

Mas, observa o historiador francês, história para a qual se procura um "sentido" (e que talvez o possui) é concebida de maneira completamente independente do problema do conhecimento histórico. Considera-se freqüentemente o passado como um objeto puro. Especula-se sobre esse objeto, sem que se indague se é possível, de fato, atingí-lo, — o que, aliás, é para o historiador profissional um escândalo. Espanta-se e com razão, o historiador, com a intrepidez dogmática, ou com a segurança ingênua, revelada pelos filósofos da história. Um círculo vicioso ameaça assim as construções, um tanto prematuras, dos filósofos-historiadores. Este fato exige porém elucidação: a filosofia crítica da história originou-se na filosofia post-hegeliana e liga-se à voga do slogan da volta a Kant que marcou o fim do século XIX na Alemanha. Representa deste modo a filosofia da história, uma reação contra o excesso de idealismo daquela tendência. Aliás, a filosofia de Rickert apresentou-se como um néo-kantismo e Dilthey, como é sabido, ambicionou elaborar uma crítica da razão histórica que seria como que o prolongamento da Crítica de Kant. No entanto, o movimento de pensamento que suscita atualmente o problema do Sentido da História parece ligar-se diretamente a Hegel, ao seu modo de compreender e de definir a história.

Este movimento manifesta, crê Marrou, uma indiferença talvez perigosa em relação principalmente ao problema crítico. Marrou critica o caráter anacrônico da renovação da filosofia da história que se prende a Hegel, pois, o próprio ponto de vista de Hegel já se revelara deficiente. Eis como o historiador francês explica a sua opinião.

Hegel assistiu à primeira floração de uma filosofia da história verdadeiramente científica e crítica, pois foi contemporâneo de Niebuhr e de Ranke, que na sua opinião, são os iniciadores e os primeiros mestres do método atualmente utilizado pelos historiadores. Hegel conhecia bem a obra de Niebuhr e a ela se refere, mas quando assim procede é para não aceitar essa obra, é para criticá-la ou, mais exatamente, para cobrá-la com os seus fáceis sarcasmos. Hegel foi um filósofo que se apressou em concluir e em dogmatizar, incapaz que era de suportar a longa paciência que a ciência exige. É de admirar a facilidade com se precipitava a construir uma história filosófica com materiais cuja resistência ele não calculara bem. (Ex.: a história bizantina). Tal segurança dogmática, que já era de lamentar em 1822 e 1831, não é admissível nos nossos dias e é necessário pois, que os atuais filósofos da história, tomem consciência de suas responsabilidades.

Já se procurou distinguir na história — escreve Henri Marrou — o aspecto objeto e o aspecto conhecimento, a "história-realidade" e a "história conhecimento". Mas tal tentativa foi inútil. Já se procurou opôr *Geschichte* e *História*, *Storia* e *Steriografia*, *Histoire* et *histoire*, a história com H maiúsculo à história com h minúsculo. No entanto, o gênio próprio das diferentes línguas recusou-se sempre a integrar tais distinções no uso corrente e, com razão, pois o primeiro aspecto da história-objeto não existe em estado puro. O conhecimento histórico por sua vez, diz respeito a um objeto, a uma qualidade que é o "Passado", passado este que ao ser descrito, ao ser conhecido, já sofre uma primeira metamorfose. Esse passado modela-se pelas categorias do sujeito que conhece e assim entra na órbita da análise crítica do historiador... O "Passado" não é ainda história. História, como bem disse o historiador inglês Galbraith (*Why we study History?*) é "the past, so far as we know it". Deste modo, qualquer afirmação acerca do destino da humanidade é ilegítima se não estiver acompanhada de uma reflexão acerca das condições mesmas com as quais foi obtido o conhecimento sobre o qual se pretende edificar aquela afirmação. Mas, a isto, junta-se ainda uma outra dificuldade: um juízo sobre o sentido da história deveria ter como postulado, naturalmente, um conhecimento verdadeiro e total da história universal.

Ora, podemos perguntar, num plano racional, tal conhecimento é possível? E é compatível com a estrutura e os limites da condição humana? Quem possui talvez esse conhecimento é Deus e seria então o caso de perguntar também se isso incumbe a uma filosofia da história. A uma filosofia cabe simplesmente o pensamento que é próprio aos mortais, aquêle que é condicionado pelos incessantes e sempre renovados limites que a crítica lhe vai trazendo.

Aliás, a noção de "sentido da história" não é uma idéia filosófica. E' uma noção introduzida no pensamento ocidental pela teologia judaico-cristã e não o foi como categoria da razão, mas sim como categoria especificamente religiosa, a da fé, a da Revelação.

Não é esta a primeira e única vez, que a teologia se disfarça em filosofia... Eugênio Imaz, que não aceitava a história abstrata dos sistemas filosóficos, acreditava — e com razão — que detrás de tóda filosofia há uma religião. Parecia-lhe que tóda a história da filosofia deveria ter como lema: "cherchez la religion..." (Cf. Prefácio de Alfonso Reyes, in Eug. Imaz — *Luz en la Caverna*, p. xii). Aliás a "filosofia da história" já se apresentara aos filósofos do século XVIII como uma transposição da teologia. Turgot (*Plan de deux discours sur l'histoire universelle*, 1751), Voltaire (*Essai sur les Moeurs*, 1756), Condorcet, opuzeram-se à religião cristã e quiseram dar, desprezando-a, uma resposta que ela ensinara a humanidade a formular. Assim, esta secularização da teologia cristã da história não é apenas obra dos filósofos da Aufklärung. Essa laicização da história aparece já nos cronistas medievais, verdadeiros peritos da leitura da vontade de Deus nos sinais meteorológicos.

Tudo isto conduz Henri Marrou a sublinhar o fato da teologia haver transmitido muito de seu à filosofia da história, talvez muito mais do que se supõe. E, não estará a filosofia da história apresentando-se nos dias atuais, sob novas roupagens, como fé, iluminação, intuição, muito mais do que como referência racional?...

Aquêles que tanto falam hoje de sentido da história, conhecerão exatamente a história para lhe indicarem um sentido? Tal foi a pergunta, talvez maliciosa, que um historiador apresentou aos filósofos, logo ao abrir-se o Congresso de filosofia de Estrasburgo cujo tema, sedutor e perigoso, foi, precisamente, o Homem e a História.

J. CRUZ COSTA